



MADEIRA

CONGRESSO NACIONAL APAVT. 2019

14/17 Nov.

TURISMO: OPÇÕES ESTRATÉGICAS

Intervenção de Abertura do 45º Congresso Nacional da APAVT
Pedro Costa Ferreira, Presidente
14 de novembro de 2019

Exº Senhor Presidente , Dr. Miguel Albuquerque, Exmª Senhora Secretária de Estado do Turismo, Engª Rita Marques, gostaria antes do mais de envolver, no cumprimento que agora lhes dirijo, todos os presentes nesta sala.

As minhas primeiras palavras dirigem-se, naturalmente, à Região Autónoma da Madeira.

Em primeiro lugar, expressando o nosso agradecimento pelo entusiasmo com que a Madeira acolheu, desde a primeira hora, este congresso.

Trata-se do maior congresso do sector. A sua montagem e realização é uma tarefa excepcionalmente complexa, e é com muita satisfação que sublinhamos a disponibilidade, o trabalho competente e a criatividade das equipas locais. Dever de justiça será, com toda a certeza, mencionar agora os nomes da Eng.ª Paula Cabaço e do Dr. Roberto Santa Clara, que lideraram grande parte do processo, tendo, entretanto, abraçado outros projectos. Para ambos, o nosso abraço agradecido e os nossos votos de sucesso.

Uma segunda nota para sublinhar o nosso empenho em prosseguir um trabalho já iniciado há anos, e que estará ilustrado de forma bem vincada, na dinâmica que o mercado interno tem demonstrado, na sua relação com a Região Autónoma da Madeira. Nesse sentido, este congresso não é o princípio de nada, nem o fim de coisa nenhuma. Representa, isso sim, mais uma etapa do trabalho que tem sido realizado, e proporcionará, com toda a certeza, novas oportunidades e, já agora, porque não, novas responsabilidades também.

Deste modo, só pode ser com muita alegria que cumprimento o Senhor Secretário Regional do Turismo e Cultura, Dr Eduardo Jesus, alguém que já trabalhou o destino Madeira e que já muito e bem trabalhou com a APAVT, sendo inclusive nosso associado honorário.

Caríssimo Eduardo Jesus, já sabe que terá em toda a comunidade dos agentes de viagens, um universo disponível para prosseguir o trabalho, e olhar para resultados mais ambiciosos.

Teremos, ao longo do congresso, um painel destinado à Região Autónoma da Madeira, mas sobretudo, teremos com toda a certeza, no próximo futuro, várias oportunidades para dar continuidade e mesmo ampliar, um trabalho muito próximo que vem sendo desenvolvido entre os operadores turísticos nacionais e a AP Madeira.

Caríssimos congressistas,

Todos estamos recordados que, há um ano, quando, neste mesmo congresso, se falou em atmosfera de fim-de-ciclo, caiu o carmo e a trindade.

Curiosamente, hoje, passado um ano, já não há quem não tenha referido que vivemos exactamente num momento de fim de ciclo. O crescimento abrandou, nalgumas regiões registamos decréscimos, e um conjunto relativamente importante de desafios ergue-se agora com maior nitidez do que nunca.

Todos sabemos que existiu, neste último ciclo de sucesso e crescimento, trabalho competente por parte dos empresários, e boa articulação com a esfera pública. O número de turistas cresceu, as receitas aumentaram e os preços subiram.

Mas também é verdade que, nalguns espaços turísticos, o diálogo entre o crescimento turístico e o dia-a-dia das populações tornou-se mais difícil; que em muitas situações, a qualidade dos serviços não acompanhou a subida dos preços, que por esse motivo irão provavelmente descer; que se perderam importantes oportunidades do lado do MI; que alguns casos de pretensão de sucesso estiveram, afinal, ligados a novas ligações aéreas de continuidade duvidosa.

Mas também afirmámos há um ano que um fim-de-ciclo, não é necessariamente demérito de ninguém, e muito menos é obrigatoriamente um caminho sem saída. Na realidade, tendo em consideração inclusive o momento de mudança legislativa que vivemos, será necessariamente uma oportunidade.

Uma oportunidade para reflectirmos sobre os aspectos positivos, mas também os efeitos negativos laterais do desenvolvimento recente, possibilitando e contribuindo para o redesenhar de toda uma estratégia para os próximos dez anos.

Uma estratégia que nos mova em direcção a um universo harmonioso de turistas com mais capacidade de gastos, e uma oferta com melhor qualidade de serviço, universo que nos permitirá crescer com a menor pressão turística possível; uma estratégia que nos garanta mais território turístico; que nos traga menor sazonalidade; que nos permita diminuir a dependência de rotas aéreas construídas artificialmente, com meros objectivos de curto prazo.

Uma estratégia que espalhe os benefícios do crescimento não apenas pela cadeia de valor, mas também pela população, assegurando coesão social; que garanta o envolvimento de mais território, apostando e defendendo a coesão territorial.

Em suma, Senhora Secretária de Estado, uma estratégia que traga o Turismo para a centralidade económica do País, assegurando mais crescimento e bem-estar económico, e que envolva o País, distribuindo os benefícios por todos.

O facto de trazermos este assunto exactamente para tema principal do nosso congresso, através do trabalho desenvolvido pela equipa liderada pelo Professor Augusto Mateus, revela que temos consciência das nossas responsabilidades enquanto associação, claro que sim; mas revela sobretudo que estamos dispostos a participar num movimento que tem de integrar todos, e que tem também de exigir de todos, o abandono das pequenas “quintas” em que o Portugal associativo tantas vezes se entrincheira.

Ex.ª Senhora Secretária de Estado,

Muitos são os pontos da nossa agenda para a próxima legislatura. Não podendo abordá-los todos em tão pouco tempo, não podemos deixar de aproveitar a sua presença, e o início do seu mandato, para abordarmos alguns dos temas que certamente acompanharão o nosso diálogo, nos próximos tempos.

O sector das viagens continua absolutamente virado de pernas para o ar, no que à gestão da segurança dos consumidores se refere.

Por um lado, o sector das agências de viagens soube construir um edifício que se solidifica ano após ano, na defesa da segurança e da confiança dos nossos clientes. O Fundo que garante as viagens organizadas tem neste momento um valor de seis milhões e meio de Euros, tendo crescido mais de 800.000 Euros desde janeiro. Por outro lado, as apólices de seguro que foram construídas pela apavt e pelos principais players do mercado, mostram-se, finalizado mais um ano turístico, robustas e capazes de gerir riscos relevantes, a preços competitivos.

O resultado é exactamente o pretendido. Não houve perturbação da ordem pública, desastre natural ou qualquer outra causa de força maior prevista na directiva europeia das viagens organizadas, que não tenha sido possível gerir a favor da confiança do cliente.

Ao invés, mantem-se teimosamente por regular, todo o espaço relacionado com a falência das companhias aéreas. E contudo, dir-se-ia que temos que temer muito mais a falência de uma companhia aérea, do que qualquer outro incidente, nas viagens dos nossos turistas. De facto, nos últimos dois anos, faliram trinta e seis companhias aéreas. Trinta e seis!

E, quer pela agressividade das apostas comerciais, quer pelas estratégias de venda de rotas aéreas a destinos fragilizados e incapazes de atraírem procura de outra forma, não cremos que esta série negra vá parar. Não nos podemos esquecer que a indústria aérea, globalmente, não pagou ainda, o capital investido desde o dia do seu nascimento.

Senhora Secretária de Estado, temos discutido este assunto com profundidade, tanto na ECTAA, a confederação europeia das agências de viagens, como em Portugal, onde desenvolvemos um trabalho conjunto com o anterior Secretário de Estado das Comunidades e com a DECO, com o objectivo de criação de um Fundo de protecção dos viajantes, que englobe a falência das Companhias aéreas. A segurança do mercado exige que este assunto veja a luz do dia durante esta legislatura. Não posso deixar de aproveitar esta oportunidade para cumprimentar o presidente da DECO, Eng.º Vasco Colaço, agradecendo a sua presença no nosso congresso e, sobretudo, o trabalho conjunto que temos vindo a desenvolver.

Em segundo lugar, Senhora Secretária de Estado, gostaríamos de chamar a sua atenção para a questão da mobilidade turística nas grandes cidades.

Sendo certo de que temos de gerir a pressão turística, em nome da qualidade do turismo e do bem-estar das populações, não é menos verdade que medidas avulsas contra os operadores turísticos não resolverão o problema.

É conhecido de todos que temos um longo historial de diálogo sobre este tema, sobretudo com a Câmara Municipal de Lisboa, diálogo que, valha a verdade, não tem sido, de todo, profícuo.

Contudo, gostaríamos de acrescentar que, através das mais recentes conversações, poderemos eventualmente ter dado um passo qualitativo em frente. Existem da parte da Câmara linhas vermelhas traçadas, de acordo com os objectivos políticos que foram escrutinados em eleições, mas sentimos agora,

ao contrário de em momentos anteriores, uma marcada vontade de dialogar com os parceiros turísticos, com o objectivo de mitigar os efeitos perversos na operação turística, na hotelaria e na restauração.

Neste contexto, é justo salientar a intervenção pessoal do Presidente Fernando Medina, que foi, em nosso entender, fundamental na devolução do tema a um processo de diálogo que se espera venha a trazer bons resultados.

Senhora Secretária de Estado, neste processo, a tutela deverá, em nosso entender, ter opinião e ter acção, tais são as implicações para as experiências turísticas em geral, e para o MI em particular, das previsíveis alterações à mobilidade na cidade de Lisboa.

MI, que continua, ano após ano, a ser fustigado pela desigualdade fiscal que persiste, relativamente ao nosso mais directo competidor, a vizinha Espanha; e que persistindo mantém uma série de eventos de igual valor acrescentado, 23% mais baratos em Espanha, do que em Portugal.

Sabendo nós como o MI pode ser absolutamente fundamental para o crescimento da receita por pax, não nos cansaremos de chamar a atenção para este anacronismo -- em Badajoz, o mesmo evento é 23% mais barato do que em Elvas!

Num outro contexto, a questão aeroportuária e as questões relacionadas com as duas maiores companhias aéreas portuguesas, Tap e Sata, devem merecer a nossa atenção.

Não sei se o Montijo é a melhor resposta ao problema do crescimento do hub de Lisboa; ou se será Alverca, como alguém diz agora; ou Alcochete, como alguém decidiu no passado...

Hoje, após anos e anos de debate, os governantes deste País voltaram a decidir, e confessamos que seria para nós frustrante, se a cerimónia de há cerca de um ano, que reuniu centenas e centenas de pessoas, na base aérea do Montijo, não tiver sido mais do que uma brincadeira de mau gosto.

Mas, provavelmente mais importante, é sublinhar que o problema aeroportuário não é um problema apenas do hub de Lisboa, e muito menos um assunto de mera engenharia.

O Algarve tem problemas de sazonalidade não resolvidos, e que não se resolverão com nenhuma obra de engenharia.

A Madeira tem um problema de inoperacionalidade que vem matando a confiança dos players e vem afastando lenta mas inexoravelmente os aviões da pista em que todos aterrámos nos últimos dias.

Inexplicavelmente.

Inexplicavelmente, porque nos últimos anos os ventos não se alteraram, a tecnologia de gestão da aproximação das aeronaves melhorou e a tecnologia a bordo dos aviões igualmente se aperfeiçoou. Só piorou o número de aproximações à pista autorizadas, o que, face ao quadro descrito, é simplesmente inimaginável e portador de prejuízos incalculáveis.

Assim, os problemas aeroportuários são tanto da engenharia, como da política turística. E não é um problema de Lisboa, é de todo um país, país que certamente gostaria de ver, nesta legislatura, uma perfeita interacção entre as tutelas do turismo e dos transportes, já que, uma vez mais, não podemos ter os dois temas debaixo da mesma tutela.

Destes, e de tantos outros temas da nossa agenda, teremos oportunidade de dialogar, Senhora Secretária de Estado, nos próximos tempos.

Terá, com toda a certeza, falado com a sua antecessora, pelo que já sabe o que pode esperar de nós, APAVT.

Poderá esperar total independência e total ausência de subserviência; poderá esperar também diálogo fácil, próximo e constante; poderá esperar finalmente, lealdade e vontade de construção de pontes que superem eventuais divergências. Por junto, não será pouco... e certamente chegará para atingirmos muitos resultados, como aconteceu num passado recente.

Quero, Eng.^a Rita Marques, em nome também de todo o sector turístico aqui presente, dar-lhe as boas-vindas e desejar-lhe sorte para o seu mandato. Por mais competentes que sejamos, a sorte é sempre uma importante aliada!

Caros congressistas,

Difícilmente se compreenderia que não aproveitássemos esta ocasião, para comentar o actual quadro de referência, no que concerne às duas principais companhias aéreas nacionais, Tap e Sata.

Quanto à Sata, de cujo percurso, dir-se-ia, pior seria impossível, apenas podemos esperar que um conjunto alargado de esforços, de um espectro diversificado de players, consiga trazer para a companhia, uma solução societária, uma estratégia credível, uma esperança de recuperação financeira, e, o mais importante, confiança na operação. Assim por junto, parece uma tarefa inacessível a simples humanos... mas como a necessidade aguça o engenho... aguardemos...

E depois temos a TAP.

Ao contrário da Sata, a Tap tem feito um percurso interessante e louvável de crescimento, de inovação técnica e de meritória procura de novos mercados.

Mas, uma e uma vez mais, não entrega resultados financeiros. E, se o ano passado se esperava que o prejuízo fosse não recorrente, este ano o primeiro semestre deixa antever um agravamento do resultado final, mesmo em momento de crescimento da operação.

Num outro contexto, a Tap anunciou para 2020 um novo modelo de distribuição.

Pela importância do tema e do momento, gostaria de sublinhar algumas importantes notas acerca do assunto.

Em primeiro lugar, referindo as linhas vermelhas que a APAVT, pela sua própria natureza, não poderá deixar que sejam ultrapassadas. Desde logo e em primeiríssimo lugar, a questão da equidade no mercado, da igualdade de oportunidades para todos os agentes, da liberdade de escolha do consumidor.

E, sobre este assunto, se é verdade que já efectuámos imensos progressos, fruto do diálogo intenso que temos mantido com a companhia aérea, também não é menos verdade que mantemos dúvidas importantes e aspectos que nos parecem ter, ainda, que ser corrigidos.

Defenderemos sempre a igualdade de acesso ao mercado, bem como defenderemos sempre que esta igualdade de acesso tem de acontecer no mesmo momento para todos.

Concretamente, não deveremos considerar aceitável que o acesso ao Private Channel da Tap se faça a duas velocidades, porque o mercado é só um, porque todos os players têm de ter as mesmas oportunidades, porque os consumidores têm de ter liberdade de escolha.

Mais duas notas sobre este assunto.

Uma, para sublinhar que estes temas não são temas para serem tratados, em jeito de comícios de segunda categoria, nas redes sociais; para realçar que estes temas não devem ser objecto de bandeiras pessoais, com prejuízo da causa colectiva; para acentuar que é saloio demonstrar ignorância e que é petulante chamar para si os louros de lutas que não se travaram.

Outra para dar as boas-vindas a todos os representantes da Tap presentes no nosso congresso, reiterando a nossa disponibilidade para dialogar e construir. E, reiterando essa disponibilidade, desde já salientando algumas notas

Se quisermos ser coerentes e construtivos, temos que intensificar a qualidade do diálogo e apresentar soluções conjuntas que respeitem as linhas vermelhas traçadas por ambos os lados.

Reconhecemos, à partida, a legalidade e o direito de se evoluir no modelo de distribuição, mesmo sabendo que essa evolução nos poderá trazer menos receitas.

Mas não podemos abrir mão da necessidade de se assegurar a igualdade de acesso a todas as agências de viagens e a necessidade absoluta de não se desenvolverem acções que possam ser interpretadas como a intenção de limitar e/ou controlar o mercado ou mesmo de abuso de posição dominante, em prejuízo dos consumidores

Caros parceiros da TAP,

Não creio que tenhamos chegado já a um entendimento. Mas a evolução que já se verificou, que foi grande e que foi percebida por todo o mercado, é certamente um bom indicador e traz-nos a esperança de que é possível, se mantivermos o diálogo recente sem ideias pré-definidas, e sem posições entrincheiradas, chegar a um entendimento capaz de defender as duas partes.

Até porque um entendimento nesta matéria nos poderá impulsionar para um diálogo mais vasto, há muito procurado, que permita à Tap, que mantém tanto o crescimento das receitas quanto a certeza dos prejuízos, a recuperação da receita por passageiro, recuperação essa que apenas será atingida, se a companhia aérea vencer o desafio do diálogo com a comunidade das agências de viagens, universo onde vive mais de 90% do corporate, onde viaja a parte da frente do avião, onde é possível ter os rácios de receita por passageiro que não têm sido alcançados.

Conscientes da importância do tema, certos da necessidade de exercício efectivo e constante da diplomacia, em lugar do desabafo tão visível como estéril, aqui estou eu, Presidente da APAVT, a dirigir-me directamente à Tap, garantindo que estarei pessoalmente empenhado na lealdade com que teremos de construir o nosso diálogo.

Mas sim, os meus deveres enquanto Presidente da APAVT, e até por respeito a essa lealdade que deve guiar o nosso relacionamento, levam-me também a declarar que não poderemos prescindir de nenhuma das nossas capacidades de intervenção, se um fundamento basilar do funcionamento do mercado estiver em causa.

Caros agentes de viagens,

Congressistas

O momento é delicado, os desafios conhecidos são muitos, e nalgumas áreas, a maior dificuldade em trabalhar, aliada a menores fontes de rendimento, parece ser uma realidade.

Mas a capacidade da nossa intervenção, a solidez das nossas empresas, a confiança que soubemos construir para os nossos clientes, essas não têm sido minimamente beliscadas.

O estudo efectuado pela equipa do Professor Augusto Mateus, há dois anos, revelou um sector em crescimento superior ao da economia portuguesa, em emprego, em receitas e em resultados.

Revelou um sector com grande atractividade, integrando novas empresas a um ritmo muito superior ao da economia portuguesa; um sector onde, em absoluto contraste com o próprio País, mais do que 50% do capital humano tem grau superior de ensino.

Actualizaremos esse estudo no próximo ano, e tudo indica que toda esta dinâmica se manteve nestes últimos dois anos.

Vejam, caros colegas, que, mesmo num momento tão delicado do mercado, atingimos acumulado a Setembro, um número recorde de emissões de passagens aéreas no BSP, com um crescimento acumulado de 7,5%, mais de 740 milhões de euros de emissões, mais cerca de 51 milhões de emissões, face a igual período do ano passado.

É pensando tanto na dificuldade dos desafios, quanto na nossa confirmada capacidade para os vencer, que vos desejo dias de viva discussão e de são convívio; de alegria no reencontro de velhos amigos e de contentamento na antevisão de novas amizades.

Desejo-vos um grande congresso, num momento único, num destino turístico inigualável;

dou-vos as boas-vindas ao 45º congresso da APAVT.